



## O (RE) PENSAR POÉTICO-FILOSÓFICO: UM DIÁLOGO ENTRE PAULO LEMINSKI E ENRIQUE DUSSELL

*Josemi Teixeira Medeiros<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O artigo propõe aproximar a filosofia da libertação, em especial o pensamento filosófico de Enrique Dussel, ao pensar/poético transgressor de Paulo Leminski. A exposição das ideias tem como chave de compreensão a narrativa sobre a chegada dos europeus na América Latina, através das categorias espaço e tempo. A proposta é (re)pensar a relação da filosofia e poesia, no contexto latino-americano, numa realidade que carrega sequelas do processo de aproximação, dominação e colonização. Dessa maneira, o texto realça as consequências devastadoras do processo de encobrimento do Outro, mas que serve de aporte para (re)pensar a construção de um pensar poético-filosófico na América Latina. O texto é um mescla de passagens poéticas de Paulo Leminski, que encontra ressonância nas formulações filosóficas de Enrique Dussel.

**Palavras-chave:** Filosofia; Poesia; América Latina; Libertação

**ABSTRACT:** The article proposes to bring together the philosophy of liberation, especially the philosophical thought of Enrique Dussel, with the transgressive thinking/poetic of Paulo Leminski. The exposition of ideas has as a key to understanding the narrative about the arrival of Europeans in Latin America, through the categories of space and time. The proposal is to (re)think the relationship between philosophy and poetry, in the Latin American context, in a reality that carries consequences of the process of approximation, domination and colonization. In this way, the text highlights the devastating consequences of the process of covering up the Other, but it serves as a contribution to (re)think the construction of a poetic-philosophical thinking in Latin America. The text is a mixture of poetic passages by Paulo Leminski, which finds resonance in the philosophical formulations of Enrique Dussel.

**Key-words:** Philosophy; Poetry; Latin America, Liberation.

### INTRODUÇÃO

A imposição “criativa” e maldosa da narrativa sobre o “falso descobrimento” aprisionou os povos originários e as gerações pós “descobrimento” a condição de refém da direção apontada pelos colonizadores, que resultou num acobertamento sobre a história real da opressão dos europeus na América Latina e ocultou as vivências dos povos originários. A falsa narrativa, em partes, ofuscou os esforços para revelar as reais atrocidades provocadas pelos colonizadores. Consideramos a narrativa do

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Paraná – campus União da Vitória. Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano.



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



“descobrimento” como sendo primordial para entender os engendramentos da nossa história e, por isso, resgatamos esse fator como sendo influenciador na formação do pensar latino-americano a partir do impacto do “achamento” na construção de uma mentalidade do ser latino-americano. Outro entendimento decorre da análise do conceito de descobrimento e seus impactos sobre o nosso paradigma de ser latino-americano. Para isso, utilizamos a abordagem numa perspectiva filosófica de Gerd Bornheim, que reconfigura o entendimento das categorias espaço e tempo, seguido da argumentação de Enrique Dussel o qual faz um enfrentamento a narrativa do “descobrimento” contrapondo com a ideia de invenção.

Apesar da dificuldade linguística para superar a construção impositiva da narrativa europeia, que tem requintes de ficção e astúcias de maldades, torna-se necessário utilizar de metáforas para tentar entender os fatos reais que se abatem sobre o mundo real, que impacta a nossa terra e na vida da nossa gente. Desde a época da invasão europeia até os tempos atuais, carregamos a urgência em repensar a nossa história. Diante disso, utilizamos elementos da nossa vida social como estratégia para pensar sobre o nosso ser latino-americano.

A proposta é pensar a partir da narrativa comum que reflete o cotidiano das pessoas, e a partir disso identificar os efeitos do processo de colonização, e com isso, encontrar uma estratégia para (re)pensar a nossa história, numa perspectiva de uma filosofia latino-americana, que chamamos de filosofia da práxis libertadora, tendo como rumo final a percepção da educação transgressora como uma porta de entrada para refazer a nossa história.

## **1 A DESCOLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO LATINO-AMERICANO**

As circunstâncias da América Latina exigem de todos um reposicionamento sobre a forma de pensar e agir frente às narrativas de opressão que abatem sobre a nossa gente e sobre a nossa terra, no passado e no presente, em que a cada notícia jornalística de violência continua estampando a manchete da opressão colonial. A luta não é apenas contra os europeus, mas pela superação do capitão do mato que carregamos e



expressamos em comportamentos através de gestos de opressão. Em todos os cantos deste continente clama-se por dignidade, exige-se de todos uma nova postura, dos populares ao erudito, um novo olhar, uma nova atitude e um compadecer-se com o Outro.

Ao discutir a concepção de descobrimento, precisamos pensar o conceito a partir de uma perspectiva ampla que corresponda ao entendimento dentro de uma universalidade, a qual a abordagem não perca sua singularidade. Utilizaremos como ponto de partida para pensar a compreensão da ideia de descobrimento, em Gerd Bornheim, é oportuno analisar a partir de um processo que se criou a necessidade da formulação do conceito. A análise produzida por Gerd Bornheim tem como perspectiva compreender a ideia de descobrimento a partir dos resultados produzidos do falso “descobrimento”. Para Bornheim, a compreensão da ideia de descobrimento dos europeus sobre a América Latina se dará por dois vieses, marcados em duas categorias: espaço e tempo. Tal contexto se arma em decorrência da necessidade de repensar o mundo a partir de um modo totalmente novo que não corresponda ao estatuto existente.

Ao que se refere ao espaço: “o pensamento da finitude quer significar tão-somente a demarcação de um novo terreno, a medrança de um solo Outro que não estipulados pelo escolasticismo tradicional” (BORNHEIM, 1998, p.24). No evento “descobrimento”, a categoria espaço é a demarcação da negação da existência do Outro, que se utiliza mecanismos comparativos culturais, que fomenta a intensidade de ser completamente novo em relação a existência do demais. Será na demarcação da ocupação do espaço onde se mostrará a grandeza daquilo que se quer ser, enquanto ao se deparar diante do Outro caberá a negação, ao ponto que o desejo será da aniquilação, se não for possível a submissão máxima sobre o descobridor. A má intencionalidade dos navegadores era transformar aquele instante, chamado de “descobrimento”, numa espécie de catarse que pudesse servir de ponto de partida às variadas narrativas a serem construídas naquele momento e para o futuro.

A outra categoria que demarca o impacto do “descobrimento” é a reformulação da abordagem temporal, nesse sentido o espaço é reinventado dentro do tempo, considerando o processo de “descobrimento” como uma conquista espacial, que o espaço conduz realmente, efetivamente, ao Outro, que precisa ser controlado, pois considera-se “dois



níveis de história: a dos homens, mas também a história da própria natureza, e estas duas histórias não poderiam ser separadas da categoria tempo visto que tudo é processo” (BORNHEIM, 1998, p. 28-29).

Ao tratar sobre as duas categorias: espaço e tempo, na elaboração do conceito de descobrimento Gerd Bornheim apresenta a seguinte abordagem:

É pelos conceitos do espaço e tempo, pelo inusitado das experiências que sabem suscitar, que principiam a constituir-se os horizontes mais extremos não somente das transformações por que passam a verificar-se as vivências do universal, como também o problema do próprio sentido que o tema possa mostrar (BORNHEIM, 1998, p. 27-28).

A narrativa sobre o processo de exploração da América Latina sobre a égide do colonizador certamente é uma história de sucesso, como afirma Sergio Buarque de Holanda, “se todas as coisas ali surgiam magnificada para quem as viu com os olhos da cara, apalpou com as mãos, calcou com os pés, não seria estranhável que elas se tornassem ainda mais portentosas para os que sem maior trabalho e só com o ouvir e o sonhar se tinham por satisfeitos” (HOLANDA, 1969, p.4-5). O retorno das navegações repercutiu na Europa como uma descoberta de um paraíso, tal feita, certamente não se bastaria numa visita de cortesia que se contentaria apenas em contemplar a beleza e guardarem na memória uma linda história de conto de fadas para seus compatriotas, e ficaria por isso mesmo, ainda mais quando se trata de uma comunidade dominadora, como a europeia.

Num perspectiva para além do conceitual, segundo Aimé Cesaire, o descobrimento foi um processo de opressão que fundou-se na autoprocamação da cultura europeia em ser a portadora de um modelo civilizatório, cujo “o grande responsável é o pedantismo cristão, por ter enunciado equações desonestas: cristianismo = civilização; paganismo = selvajaria, de que só se podiam deduzir abomináveis consequências colonialistas e racistas, cujas vítimas haviam de ser os índios, os Amarelos, os Negros” (CESAIRE, 1978, p. 15). Essa concepção etnocêntrica de civilidade coloca a humanidade em decadência, pois o discurso de portador da salvação (ou civilidade) não foi capaz de transformar a vida de ninguém, apenas a deles mesmos, e até certo ponto questionável. Mesmo porque “o bem-estar e o progresso da Europa foram construídos com o suor e os cadáveres dos negros, dos árabes, dos índios e dos amarelos” (FANON, 1961, p.94). Esses são fatos



inquestionáveis, até mesmo reconhecido pela comunidade global, no entanto as ditas “civilizações” exploradoras pouco ou nada fizeram para reparar os danos causados aos povos originários, entretanto, essa deve ser uma preocupação daqueles que foram saqueados desde o encontro colonial, essa deve ser uma pauta da comunidade que sofreu a violência do processo de colonização, para que se possa restabelecer autonomia enquanto povo emancipado.

Gerd Bornheim, com a obra, “*O conceito de descobrimento*”, e Enrique Dussel com a obra “*O encobrimento do Outro*”, conectam-se em seus pensamentos sobre a concepção filosófica de descobrimento e seus impactos na América Latina. Ambos destacam a partir das diferentes formulações, como os europeus pretendem emplacar uma nova era, chamada modernidade, tendo como ápice do evento das grandes navegações, a narrativa de um fato extraordinário utilizada para emplacar um feito marcante na história universal. Por essa razão, a narrativa do “descobrimento” carrega contornos inéditos, nem que para isso seja necessário ressignificar elementos já existentes.

Nessa perspectiva de leitura sobre a modernidade realça-se que não se negará “a razão, mas a irracionalidade da violência do mito moderno, não será negado a razão, mas irracionalidade pós-moderna, afirmamos que a “razão do Outro” ruma a uma mundialidade transmoderna” (DUSSEL, 1993, p. 24). Ambos os filósofos argumentam sobre a intencionalidade em justificar as ações dos colonizadores, de maneira óbvia demonstram a mentalidade existente em relação ao Outro, que não faz parte do seu mundo “civilizado”. Com isso, buscou-se elementos externos, “a selvageria”, os quais eram inexistentes aos nativos para justificar elementos internos do comportamento dos exploradores. O desejo de dominação e exploração justificava a necessidade de agir de maneira selvagem, isto é, se fez aquilo que não deseja que o Outro fizesse, chamando os nativos de selvagens, no entanto, quem agiu com selvageria foram os próprios europeus.

O pensador latino-americano, Enrique Dussel apresenta uma série de conferências intitulada “*O encobrimento do Outro*”, uma análise sobre o impacto da ideia do falso “descobrimento” dos europeus na América Latina. Na obra discute o mito da modernidade a partir da negação dos povos originários da América Latina, como pretexto para negar a relevância da formação cultural dos povos originários. A partir da sombra da colonização



é necessário cair em si, que seus efeitos devem nos fazer pensar, sobre o impacto da opressão colonizadora que carregamos na construção das nossas relações.

Segundo Enrique Dussel, a tragédia do processo de colonização e dominação dos europeus na América Latina consiste numa invasão no continente desconhecido, em que o processo de apropriação se consolidava a partir do “encobrimento do Outro”, que consistia em práticas violentas, desde os maus tratos na obrigação de execução de tarefas, exploração do território, bem como a contaminação por doenças trazidas pelo contato do homem branco europeu. Desde a chegada dos europeus na América Latina, a aproximação se deu enquanto tentativa de desqualificar e deslegitimar a existência dos povos nativos, que aqui viviam, consideravam o continente "habitado por humanos muito primitivos e nus" (DUSSEL, 1993, p.34). No entendimento de Dussel, os europeus "encobertaram" as nações indígenas e as nações indígenas descobriram os representantes das nações europeias. Em razão disso, fora construída uma falta de liberdade, “a periferia da Europa serve assim de "espaço livre" para que os pobres, fruto do capitalismo, possam se tornar proprietários capitalistas nas colônias" (DUSSEL, 1993, p. 21). Assim, a descolonização do pensar passa pela tese defendida por Enrique Dussel, que considera que o descobrimento tem como pano de fundo a formulação de uma ética eurocêntrica, baseada numa concepção excludente, que tem como princípio a negação do Outro, mas que legitima o processo de violência e dominação. A partir da própria análise de Enrique Dussel, “a experiência não só do 'descobrimento', mas especialmente da 'conquista' será essencial na constituição do 'ego' moderno, mas não só como subjetividade 'centro' e 'fim' da história" (DUSSEL, 1993, p. 23). A invenção da América Latina aos modos europeus aparece como uma possibilidade em atualizar a forma do devir humano. É demonstrada como uma narrativa histórica que faz da América Latina uma invenção à imagem e semelhança da Europa. O índio não foi descoberto como Outro, mas como o 'si-mesmo' já conhecido (o asiático) e só reconhecido (negado então como Outro), por fim, "em-coberto" (DUSSEL, 1993, p.32).

A chave de compreensão do processo de colonização "não é o 'aparecimento do Outro', mas a 'projeção do si-mesmo': encobrimento" (DUSSEL, 1993, p.35). Esse entendimento dos europeus sobre a América Latina é uma estratégia que justificava o plano de dominação do Outro, tal questão pode ser pensada pelos pensadores latino-americanos,



mas não aparece no discurso filosófico dos europeus ou em discussões relativas ao processo de chegada dos europeus na América Latina. Essa é uma reflexão que traz consequências relevantes para o pensar latino-americano. A exaltação de si mesmo configura a busca de legitimidade das ações executadas pelos colonizadores, que quando agem e falam em seu nome estão construindo uma identidade própria que busca a todo custo se distanciar dos chamados “bárbaros” e com isso construir a partir dessa maquiagem um “homem civilizado”, como afirma Dussel:

O ego moderno desapareceu em sua confrontação com o não-ego; os habitantes das novas terras descobertas não apareceram como Outros, mas como o Si-mesmo a ser conquistado, colonizado, modernizado, civilizado, como 'matéria' do ego moderno. E foi assim que os europeus (particularmente os ingleses) se transformaram como dizia antes, nos 'missionários da civilização em todo mundo', especialmente com 'os povos bárbaros' (DUSSEL, 1993, p. 35).

Em vez de “descobrimento”, Enrique Dussel sugere reconhecer a legitimidade histórica dos habitantes primários, com isso, refazer a leitura das narrativas na perspectiva do colonizado. Analisar os fatos a partir da percepção de uma invasão, em vez de conquista será uma estratégia para reformular a recomposição da memória dos povos que formam a pluralidade cultural latino-americana. A partir de uma percepção mais realista da narrativa histórica, houve resistência por parte dos nativos, onde dizimou-se inúmeros nativos. No entanto, a descrição dos fatos é silenciada a partir da ocultação dos elementos que compõe o espaço simbólico de vivência na atualidade. Esse silêncio sobre a resistência é mais uma forma de não conceder ao Outro sua personalidade, sua dignidade, admitir seu saber bélico, sua capacidade de organizar e efetuar uma resistência.

A filosofia latino-americana propõe um realocamento do significado de “descobrimento”. É preciso pensá-lo a partir de uma comunidade que constitui um agrupamento de indivíduos regionalizados e que convivem com a força da opressão e da dominação. O Outro deve ser respeitado enquanto Outro, e não apenas quando ele é irreduzível ao exercício do dominador. A filosofia apresenta-se como guia a repensar o sujeito latino-americano na atualidade, a superar a concepção colonizadora, “a filosofia moderna europeia, mesmo antes do ego cogito, mas certamente a partir dele, situa todos os homens, todas as culturas, e com isso suas mulheres e filhos, dentro de suas próprias fronteiras como úteis manipuláveis, instrumentos” (DUSSEL, 1977, p.21). As filosofias



latino-americanas devem trilhar os seus próprios caminhos, sendo possível ser ao lado das construções europeias, no entanto, jamais seguindo a trilha dos colonizados, a tal ponto de tornar-se submissa das pegadas que levarão ao precipício. O caminhar filosófico latino-americano é uma busca própria que levará ao coração de uma América Latina livre e pensante.

Ao aportar no continente latino-americano é necessário entender que não se tratar de descobrir o que não precisa ser descoberto, mas de reconfigurar o localizar, de entender que a geografia não é a mesma das ruínas europeias, que é necessário atualizar o fuso horário. Se trata de uma auto permissão para deixar-se guiar por um som que tem outro ritmo, em que se trata de ouvir o som que vem do morro, de sentir a sombra dos buritis que oferece suas palhas e seus frutos. Se trata de avançar a outras formas de construção social, pautada na solidariedade e o respeito ao próximo, é um religar-se ao demais povos e a natureza. Talvez, para entender a América Latina os europeus precisem descansar debaixo de um pé de buriti ao som de um funk carioca, não para narrar a nossa história, mas para que possam perceber a bases da marginalização e da barbárie.

## **2 O PENSAR POÉTICO TRANSGRESSOR EM PAULO LEMINSKI**

Para começo de conversa, ao pensar a obra de Paulo Leminski é primordial considerar que ele era um boêmio transgressor. Um poeta que se perdeu no próprio mundo para encontrar-se nas palavras. Em seus versos fragmentou o silêncio do som poético dissonante e saiu das páginas cheias de letras vazias, transformou-se em palavras articuladas e rimadas, tornando-se um alento à imaginação filosófica. E assim, se fez o poeta, e assim falou poeta:

Eis a voz, eis o deus, eis a fala,  
eis que a luz se acendeu na casa  
e não cabe mais na sala.  
(LEMINSKI, 2010, p.77).

Paulo Leminski, nascido na cidade de Curitiba-Pr, representa um marco na poesia brasileira. Sua poesia, que ganhou visibilidade a partir da década de 70, tornou-se referência na literatura recente, na medida que se apresentou com um olhar refinado à compreensão



da linguagem poética nacional. Podemos identificar facilmente na poesia leminskiana uma referência linguística particular, que é próprio do poeta que se faz presente nas narrativas. Textos carregados de um olhar semiótico às artes e comunicação. A obra de Paulo Leminski tem uma profunda conexão com a realidade, iluminada pela luz do cotidiano, a tal ponto, de podermos analisar de maneira livre a expressão poética-filosófica na obra. Em certos momentos precisamos pensar, se estamos lidando com ficção ou realidade. Através dos textos de Paulo Leminski, tornar-se-á possível compreender as particularidades da existência de um ser poético, que, realçada na narrativa diária a intensidade de sua inspiração, através dos escritos que estampam as particularidades de sua linguagem poética.

A obra de Paulo Leminski aproxima o erudito do rústico, o comum do sofisticado. Os elementos estéticos são expostos de maneira clara e objetiva e, assim, o ser poético e a existência juntam-se em palavras:

ascensão apogeu e queda da vida paixão e morte  
do poeta enquanto ser que chora enquanto  
chove lá fora e alguém canta  
a última esperança de chegar  
à estação da luz e pegar o primeiro trem  
para muito além das serras que azulam no horizonte  
e o separam da autora da sua vida  
(LEMINSKI, 2018, p.108).

A narrativa histórica da obra de Paulo Leminski é uma descrição do mundo que, perturbadora, às vezes apresenta-se de maneira suave, às vezes dispõe a severidade da vida, por esse motivo seu teor poético propaga-se na escrita que representa a miséria e/ou delicadeza de ser gente na sociedade contemporânea. Nas poesias de Paulo Leminski encontramos um eu-lírico sobrevivente, que confronta o seu passado e presente todo tempo e, por meio das memórias, coloca a toda prova o seu EU poético. É um engajado num mundo de crise e transformação. A leitura da obra do poeta exige da leitora(r) a sensibilidade em compreender o teor generalizante e intertextual na poesia, que é identificado de maneira simples, por uma não linearidade na construção dos seus escritos. No entanto há uma riqueza no que se refere à diversidade de construções da linguística. A linguagem, como sabemos, exerce uma função determinante na existência humana, a tal



ponto que definimos a identidade de um sujeito por meio de suas palavras. É o caso do poeta descrito neste trabalho, como ele mesmo descreve:

cansei da frase polida  
por anjos da cara pálida  
palmeiras batendo palmas  
ao passarem paradas  
agora eu quero a pedra  
chuva de pedra palavras  
distribuindo palavras.  
(LEMINSKI, 2018, p.92).

A obra de Paulo Leminski apresenta como questão central: a relação entre mundo, pensamento e linguagem. É possível perceber estreitos laços entre o pensar linguístico da poesia e a filosofia, em especial a filosofia da linguagem, como descreve Wittgenstein, “se a boa ou a má volição altera o mundo, só pode alterar os limites do mundo, não os fatos; não o que pode ser expresso pela linguagem” (WITTGENSTEIN, 1994, p.277) ou ainda, “Os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo” (WITTGENSTEIN, 1994, p.245). A poesia de Paulo Leminski se faz nessa perspectiva da linguagem, se constitui em enigmas verbais, os aforismas, a simplicidade e ao mesmo tempo uma certa sofisticação crítica das narrativas, ao trato do cotidiano através do trivial e a presença do senso comum e dos jogos de linguagem.

## **2.1 Pensamento e obra: sobre o pensar poético de Paulo Leminski**

A obra de Paulo Leminski é um exercício de descolonização, em que o poeta transgride a linguagem para proferir uma narrativa discordante da convencionalidade histórica, filosófica e linguística. Apesar de preso a uma língua, o poeta rompe os verbetes tradicionais, remonta a história e refaz o pensar, exprimindo suas ideias numa linguagem descolonizadora. O poeta se desprende das amarras para dizer o que quer dizer. A obra de Paulo Leminski é um rearranjo da linguagem, em que a língua portuguesa através da junção de verbetes consegue dizer o que convencionalmente as palavras escondem. É um reposicionamento do popular ao intelectual, do simples ao sofisticado, da oralidade à escrita. Paulo Leminski não abandona a língua do colonizador, mas transgride a escrita para seguir junto às narrativas tradicionais sem compactuar com as imposições da língua do



colonizador. Precisamos considerar que Paulo Leminski escreve a partir de um centro urbano, que direciona seus poemas para uma massa da cidade (Curitiba) que tem o desejo de ser uma espécie de “Europa no Brasil”. A proposta transgressora de Paulo Leminski é uma prática estética poética, que tem como eixo o pertencimento a um lugar que independe da tradição que se impõe.

A obra *Catatau* apresenta uma narrativa fragmentada não-linear, com um enredo trançado que se conecta a uma narrativa de característica oral. O personagem Cartésio aparece como locutor da narrativa que alterna suas falas entre o delírio e a realidade. A proposta da obra é um embate entre a tradição oral dos povos originários, a fala popular dos povos colonizados e a cultura letrada colonizadora. É um embate entre o estilo de vida dos habitantes do “Mundos dos Trópicos” (Tupiniquins) e a carga de frustrações desembarcada pelos europeus na região do Recife-PE. Na edição de 1989 (primeira edição em 1975), na obra *Catatau*, Paulo Leminski escreveu um texto adicional na sua obra, que aparece no final do livro, com o título: “descordenadas artesanais” (em algumas publicações esse texto aparece com o título escrito de outra forma: “(Des)coordenadas cartesianas”), em que comenta sobre alguns pontos do texto original. Afirma que “o Catatau é o fracasso da lógica cartesiana branca no calor, o fracasso do leitor em entendê-lo, emblema do fracasso do projeto batavo, branco, no trópico” (LEMINSKI, 1989, p. 208). A percepção sobre tal obra provoca um desconforto sobre as nossas formulações tradicionais originárias da filosofia e da história, mesmo considerando a obra uma narrativa de ficção e imaginação. Podemos classificar a obra como um romance-ideia, como o próprio Leminski nomeou, em que observamos uma escrita poética livre com nuances ousadas, carregada de trocadilhos, gírias e expressões que têm origem no uso comum e uma crítica as narrativas que segue a lógica ocidental europeia. A narrativa situa-se no nordeste do Brasil ou como chama o autor: “Mundo dos trópicos” ou ainda de “Terra dos tupiniquins”.

Diante da obra é necessário permitir-se seguir um raciocínio não linear, onde buscamos reconstruir o significado a partir daquilo que não limita o nosso pensar. O texto permite recriar as verdades (mal)ditas através do nosso imaginário ou até mesmo a partir da consciência que formulamos diante dos reverses da nossa própria história do pensar. O poeta nos coloca no excesso da percepção sobre o mundo que não percebemos, é



necessário ver além, em que se exige atribuir sentidos e significados daquilo que está diante de nós, que por muitas vezes foi negado ao se impor visões imparciais sobre nosso próprio mundo. Como escreve o próprio Leminski no texto os “Quinze pontos nos iis”, que se encontra no final da obra:

O Catatau é a história de uma espera. O personagem (Cartésio) espera um explicador (Artiscewski). Espera redundância. O leitor espera uma explicação. Espera redundância, tal como o personagem (isomorfismo leitor/personagem). Mas só recebe informações novas. Tal como Cartésio. A espera de Descartes/Cartésio é uma espera cibernética. A melhor definição para “informação”: expectativa frustrada. Toda informação nova vem de uma “expectativa frustrada”. O Catatau é uma imagem ampliada dessa noção (LEMINSKI, 1989, p.210).

O personagem central Renatus Cartesius aguarda a chegada de Artyschewsky (baseado no fidalgo polonês Kristof Artiszewski, general que serviu a Nassau, e foi expulso da Polônia por causa de suas ideias antijesuíticas) um sábio que iria explicar o segredo dos trópicos. No entanto a espera foi fustigada com a chegada do sábio, o qual chegou bêbado e não pôde explicar as questões do Cartésio. E nesse tempo de espera aparece também o personagem Occam (Espelha-se no monge e filólogo Guilherme de Ockham, que viveu entre 1285-1349). O personagem Renatus Cartesius ou simplesmente Cartésio é uma alusão direta ao filósofo René Descartes, o texto remonta uma possível vinda do pensador francês ao Recife, com a comitiva de Maurício de Nassau, em 23 de janeiro de 1637. A referência a René Descartes, mesmo que numa situação hipotética, é uma estratégia para pontuar a ineficácia do pensamento cartesiano em “Terras Tupiniquins”, como escreve o próprio Leminski: “batavos não estão mais com a razão nestas zonas, casando conúbios danados com fêmeas toupinambaults, praticam seu linguajar, que é como os sons dos estalos e zoos deste mundo. Duvido de Cristo em nhengatu” (Catatau, 1989, p. 24). No entendimento de Paulo Leminski a lógica cartesiana não alcança a totalidade do mundo Tupiniquins, em decorrência de uma natureza que não se ajusta às categorias cartesianas, em razão da multiplicidade que compõe as terras desconhecidas pelos europeus.

O clima tropical causa perturbações em Cartésio, que sofre com o calor e a umidade da terra de palmeiras, onde não é possível se compreender esse mundo apenas com a sanidade mental. O personagem apoia numa mão uma luneta, que representa o distanciamento do objeto real, em que busca formular uma abstração conceitual; e na outra



uma erva alucinógena, que significa a aproximação e estranhamento do mundo desconhecido à percepção europeia. Cartésio ao fumar a erva começa a ficar estarecido com os exemplares da fauna e flora e nessa terra exuberante tudo se tornou inclassificável, pois a visão sobre a natureza contradiz a lógica do pensar religioso cristão e a percepção civilizadora do europeu colonizador, como descreve na própria obra: “Nestes climas onde o bicho come os livros e o ar de mamão caruncha os pensamentos, estas árvores ainda pingam águas do dilúvio. Penso meu pensar feito um penso. [...] Duvido se existo, quem sou eu se este tamanduá existe? (LEMINSKI, 1989, p.18). A embriaguez provoca em Cartésio a indignação com a natureza do Brasil, pois a diversidade de espécie de aparência exótica faz delirar sua percepção, a qual torna-se inclassificável, como se sente o personagem:

Calor e mosquitos me ruminam o pensamento. A merda do chão é que é filtrada pela flor dos perfumes no ar, fragrância de flagrante. Meu pensar apodrece entre mamões, caixas de açúcar e flores de ipê, mudanças rapidíssimas, absurdos instantâneos, lapsos relapsos, trepidações relâmpago monstro, mais rente a sua excelência recentíssima, tão recente que é quase presente e, sempre não o sendo, irá além, porque vai indo com mais ímpeto, pupilos na puela dos olhos do seu ministro. A cabeça dorme num teorema comendo abacaxi, acordo a boca cheia de formigas (LEMINSKI, 1989, p.32).

Nessa atmosfera desconcertante a narrativa tem o propósito de desestruturar as categorias espaço, tempo e a linguagem, que apenas através da embriaguez será possível reorientar o olhar sobre a fauna e a flora do Brasil. E, que o falares dos indígenas irão reorientar o rumo dessa conversa. A percepção exótica sobre o “Mundo Tupiniquins” torna tudo estranho e inclassificável, esse mundo contradiz o entendimento comum.

O personagem Occam que aparece no Catatau é uma alusão ao filósofo medieval nominalista, o qual deu origem a chamada “navalha de Ockham”, uma referência ao exercício da parcimônia, em que as coisas não devem ir além da necessidade. Ao falar sobre esse personagem o próprio Leminski diz, que “Occam é um monstro que habita as profundezas do Loch Ness do texto, um princípio de incerteza e erro, o “malin génie” da célebre teoria de René Descarte” (LEMINSKI, 1989, p. 208). Temos aqui uma referência ao gênio maligno ou gênio enganador que aparece na obra de René Descartes, seguido de uma referência geográfica, em que esse gênio maligno vive nas profundezas do Lago Ness, nas Terras Atlas da Escócia, no Reino Unido. Occam é aquele que prova o desequilíbrio da justa medida, que abala a narrativa lógica, seria a própria encarnação do “gênio maligno”



pensado por René Descartes, o qual queria afastar o filósofo da verdade. Occam é um personagem que tem uma personalidade totalmente diferente do filósofo medieval, já que deixa de lado a parcimônia para afrontar de maneira assombrosa a lógica cartesiana, sendo mais preciso, ele é um monstro que habita as profundezas das incertezas e o erro, que perturba o significado das palavras, na medida que propõe mudanças no uso da linguagem.

Occam é o personagem que configura o espírito do texto de Paulo Leminski, o próprio autor explica, que se conecta às entidades religiosas, tal como, Ogum, Oxum, Egum ou Ogan, que são seres espirituais, como descreve o próprio poeta:

é um ser puramente lógico-semiótico, monstro do zoo de Mauricio interiorizado no fluxo do texto, o livro como parque de locuções, ditos, provérbios, idiomatismos, frases-feitas. O monstro não perturba apenas as palavras que lhe seguem: ele é atraído por qualquer perturbação, responsável por bruscas de sentido e temperatura informacional. Occam é o próprio espírito do texto. É um orixá asteca-iorubá encarnando num texto seiscentista” (LEMINSKI, 1989, p. 208).

Em análise, podemos perceber que Occam (des)constrói a fala dos demais personagens, como também da própria narrativa da obra, na medida que impõe um rearranjo da própria linguagem, utilizando de aglutinações (“palavrasvalises”) e termos “verbivocovisuais”. O personagem é um monstro, que tem a função de transgredir a narrativa, que exige dos demais personagens criatividade para ressignificar os conceitos e as palavras. Vejamos como descreve o próprio Leminski:

Penso meu pensar feito um penso. Olho bem, o monstro. O monstro vem para cima de monstros mim. Encontro-o. Não quer mais ficar lá, é aqui monstro. Occam deixou uma história de mistérios peripérisicos onde aconstreço esse monstro. Occam, acaba lá com isso, não consigo entender o que digo, por mais que persigo. Reconstroo-me, aqui — o monstro (LEMINSKI, 1989, p. 20).

A personalidade de Occam é um despertar aos demais personagens que se atém às ideias tolas, sendo assim um desqualificador dos delírios, que busca desnudar a estrutura da linguagem e do pensamento. Occam é o gênio maligno cartesiano, que provoca perturbações para desarranjar as construções lógicas cartesianas, isto é, desqualificar os delírios. Toda desconstrução provocada por Occam seria resolvida, no final do texto, com a chegada de Arciszewsky, no entanto a espera pelo oficial do exército tornou-se em vão, pois aquele que traria de volta a lógica cartesiana é visto chegando bêbado. Isso frustra



Cartésio que esperava esclarecer suas dúvidas, como podemos observar na última passagem do livro:

A onda está parindo Artischewsky? Este pensamento sem bússola é meu tormento. Quando verei meu pensar e meu entender voltarem das cinzas deste fio de ervas? Ocaso do sol do meu pensar. Novamente: a maré de desvairados pensamentos me sobe vômito ao pomo adâmico. Estes não. É esta terra: é um descuido, um acerca, um engano de natura, um desvario, um desvio que só não vendo. Doença do mundo! E a doença doendo, eu aqui com lentes, esperando e aspirando. Vai me ver com outros olhos ou com os olhos dos outros? AUMENTO o telescópio: na subida, lá vem ARTYSCHESKY. E como! Sãojoãobatavista! Vem bêbado, Artyschewsky bêbado... Bêbado como polaco que é. Bêbado, quem me compreenderá? (LEMINSKI, 1989, p. 206)

No fundo, a ideia de Paulo Leminski é demonstrar que o “Mundo dos Trópicos” (Brasil) dificilmente será explicado para os europeus, será sempre uma ideia fracassada, pois a percepção desse mundo dos Tupiniquins será sempre tortuoso (em referência a luneta), enquanto as perguntas serão sempre perturbadoras (efeito da erva alucinógena) e as respostas serão desconectadas do entendimento, como se fosse dada por um bêbado (Artyczewski) construindo um raciocínio confuso, fragmentado e ilógico. Podemos perceber que a narrativa de Paulo Leminski como um romance-ideia é provocar um abalo linguístico e filosófico. Nesse sentido, textos como o *Catatau* nos indicam certas possibilidades de resignificação das categorias filosóficas pensadas a partir de um espaço poético-geográfico nosso. O exercício que podemos fazer com esse tipo de leitura é o de que não precisamos ser um caminho seguro, sistemático, mas uma vereda que nos leva a não esperar por alguém, por ninguém, mas buscar nossas próprias respostas. A chegada de Artyschewsky bêbado é a manifestação de que quando se aguarda respostas prontas, a espera é angustiante e vazia, pois será em vão aguardar uma saída de um labirinto sem saída, talvez seja necessário se perder noutras direções ao invés de aguardar um arrebatamento da posição alucinógena que nos encontramos.

## **2.2 A relação da filosofia com o *Catatau***

A narrativa de um romance-ideia a partir de Paulo Leminski é o limiar de uma fenda através da literatura para desconstruirmos o pensar tradicional europeu que se impõe sobre



as nossas narrativas e pensamentos. A literatura nesse caso não é o ponto final para o exercício do pensar filosófico, mas um despertar sobre aquilo já dito, que já existe, mas que provoca um desvio estratégico para superarmos a subserviência. São os atalhos literários reposicionando a nossa rota para pensarmos a América Latina a partir de outros olhares, de outros lugares e em outros tempos e, ao mesmo tempo, que poderá ser de maneira diacrônica e sincrônica. Encontramos no pensar poético de Paulo Leminski através da ousadia linguística o prestígio transgressor de uma poética da libertação que rompe com o *modus operandi tradicional*. O autor se liberta ao deixar de narrar de maneira sincrônica para contrapor uma narrativa assincrônica, fazendo um contradito das “verdades” que golpearam a percepção do nosso mundo. O autor experimenta um imaginário sem fio, em que as palavras ganham aparência do ilógico, carregado pelo surreal, abandona a evidência, a análise, a ordem e a enumeração. Não existe objetividade na narrativa lemiskiana, a prosa em verso atravessa o tempo e o espaço, com isso o autor convida o leitor a pensar a partir de si, com uma estratégia de co-pensador. No fraseado poético encontramos uma ausência de conexões lógicas-causais que obriga o leitor a suplementar articulações que permita atribuir sentido a construção da obra.

O romance-ideia apresentado por Paulo Leminski carrega a fusão de dois mundos: o de onde vem a racionalidade europeia fundada no cartesianismo e o cenário sensível da América Latina, em especial a expressão concreta dos fenômenos que se expressam como uma racionalidade proveniente da natureza. Estamos diante da ineficiente natureza pensante europeia para desvendar a diversidade racional do “Mundo Tropical”. A impossibilidade decorre das limitações epistemológicas europeias, em que as categorias não conseguem desvendar a pluralidade da fauna e flora. Disjunção ou fora do lugar - a transmutação do mundo europeu para a terra Tupiniquins não faz sentido, na medida em que se transfere para o Brasil o momento histórico que se estava vivendo na Europa, o ápice da Modernidade, enquanto que no Brasil se vivia um momento de impacto da opressão colonizadora provocada pelo desmantelamento da opressão europeia. Não há uma unidade de pensamento, mas ao contrário, uma multiplicidade de elementos que se trançam a partir de diversas matrizes culturais, linguísticas, existências e sociais. O pensamento brasileiro não pode ser concebido desde de sempre a partir da tradição



intelectual europeia, sendo que qualquer adequação consistiria no esvaziamento da racionalidade, pois desprezaria a multiplicidade reflexiva que não se amarra num eixo central, mas que se trançam pela diversidade e não pela unidade pensante.

A ontologia no mundo Tupiniquim já não permite que simplesmente os outros animais não sejam dotados de raciocínio, já que a relação entre o ser humano e o animal é estreitada. A superioridade racional dos homens é dissolvida diante da complexidade dos animais. Como podemos observar nesse trecho:

Bichos se fazem reverência, camaleões aos salamaleques viram salomões de doutos cromatismos, afinidades infinitas afinam e desafinam espécies. Formigas da noite picam uma árvore com bandos de papagaios e tudo, acabando de dormir para esticar o esqueleto. Este calor acalma o silêncio onde o pensamento não entra, ingressa e integra-se na massa. Sussurros clandestinos acusam a aproximação de peregrinos. O senhor vai assim toda vida e termina a vida por aí. Muito me admira mas admitir pouco, cada localidade ponha-se no seu lugar. Não, esse pensamento recuso, refuto e repilo. (LEMINSKI, 1989, p.17).

O pensamento de René Descartes é caracterizado, como é sabido, pela exaltação do ego, enquanto condição primeira para formulação do conhecimento de objetos, o qual pretendia estabelecer uma forma indubitável para conhecer a verdade. Sendo assim, o ato de pensar é tornar o ser humano capaz de compreender sua própria existência, devido a capacidade pensante da alma. A partir dessa concepção cartesiana o ser humano limitou-se a qualidade pensante (substância pensante) e natureza corpórea (substância extensa), ou ainda em termos latinos, *res cogitans* e *res extensa*, sendo que a racionalidade humana conduz à perfeição, enquanto que a condição corpórea o torna dependente. Como podemos observar na citação abaixo:

Concluo efetivamente que sou uma coisa que pensa ou uma substância da qual toda essência ou natureza consiste apenas em pensar. E, embora talvez, (ou, antes, como direi certamente logo mais) eu tenha um corpo ao qual estou estreitamente conjugado, todavia, já que, de um lado, tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que de outro, tenho uma ideia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual eu sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distintamente de meu corpo e que ela pode ser ou existir sem ele. (DESCARTES, 1973, p. 142).

Em análise, podemos perceber que a crítica de Paulo Leminski ao pensamento de René Descartes decorre da separação entre o homem e o animal. A partir disso, podemos



entender que a ontologia cartesiana necessita da existência de uma natureza corpórea, tendo em vista que a existência do ser decorre do pensar. Sendo assim, o que se encontra externamente ao ser é considerado falso. A imposição posta por René Descartes ao exercício do pensar (que precisa ser clara e distinta) está na razão, sendo que o exercício do pensar está restrito apenas à alma humana ou apenas àquilo que se encontra no EU.

### 2.3 O pensar poético de Paulo Leminski

A poesia de Paulo Leminski é um exercício de tensão, em que o poeta aproxima emoção e intelecto. O sentimento poético aparece no jogo linguístico das palavras que se apresenta como um ato de resistência política às insatisfações, como na poesia, para a liberdade e luta,

Me enterrem com os trotskistas  
Na cova comum  
Onde jazem aqueles  
Que o poder não corrompeu

Me enterrem com meu coração  
Na beira do rio  
Onde o joelho ferido  
Tocou a pedra da paixão.  
(LEMINSKI, 2018, p.74).

No texto poético a marcação da emoção é evidenciada, com isso, a prática da escrita, de maneira fragmentada, mas carregada de emoção é uma manifestação de enfrentamento ao mundo real, que não é possível transformá-lo. Por outro lado, o poeta não nega o viés intelectual em seus textos, ao se manifestar de assuntos mais polêmicos, ao tratar de maneira lógica-argumentativa empenhado no fraseado de maneira intelectual a estratégia linguística para falar de coisas mais confusas, como no poema “ouventure la vie em close”,

em latim  
“porta” se diz ‘janua’  
e “janela” se diz “fenestra”  
a palavra “fenestra”  
não veio para o português



mas veio o diminutivo de “janua”,  
“januela, “portinha”,  
que deu nossa “janela”  
“fenestra”veio  
mas não como esse ponto da casa  
que olha o mundo lá fora,  
que “fenestra”, veio “fresta”,  
o que é coisa bem diversa.  
(LEMINSKI, 2018, p.74).

O encontro das duas esferas, o sentimento e o intelecto, manifesta a capacidade do poeta em discutir questões que circula o agir diário dos humanos, numa sociedade pós-moderna, em que nada é negado, nada é escondido, mas nem tudo é percebido. A poesia de Paulo Leminski circula entre o sentimento e a razão. A tensão poética não significa um equilíbrio entre as duas partes, mas de um equilíbrio instável, em que pensamento e emoção convivem simultaneamente. A poesia de Paulo Leminski apresenta-se como um espelho d’água capaz de refletir a realidade, não contentando-se apenas com a reflexão do real, o poeta leva os leitores a um exercício de ver além, com a capacidade de despertar seus leitores e leitoras a pensar o disforme.

Quem lê os poemas de Paulo Leminski precisa naufragar no jogo de palavras, para que possa entender a articulação dos códigos que por vezes se apresentam, outras vezes se ocultam, mas estão nas entrelinhas da narrativa poética. A decodificação dos códigos se dará aos aventureiros que abandonam as águas calmas, para navegar nas tormentas, definitivamente, encarar as narrativas de Leminski é seguir por tempestades.

isso sim me assombra e deslumbra  
como é que o som penetra na sombra  
e a pena sai da penumbra?  
(LEMINSKI, 1991, p. 77).

A poesia tem a função de transversalidade na construção do discurso pensante, e a filosofia é um percalço lógico às narrativas poéticas, que obriga aos seres humanos a repensarem o tom dos seus livres versos. Um desencontro que terá, por isso, a forma de um realojamento das ideias estabelecidas. A poesia, no caso das narrativas de Paulo Leminski, apresenta-se como uma travessia pelos princípios lógicos-rationais e linguísticos presentes na formulação dos conceitos filosóficos. É claro que o encontro entre filosofia e poesia não é novo, mas se mostra como uma possibilidade de explicar duas narrativas que



estão próximas e tão distantes ao mesmo tempo. Há de ser considerado que ao falar de poesia e filosofia não estamos falando de uma só coisa. Filosofia e poesia juntas, metaforicamente, é uma espécie de Jano, presente na narrativa mítica romana, um deus que tinha dois rostos, que olhavam em direção opostas, mas estavam no mesmo lugar. Seguindo a metáfora, uma espécie de lua e sol, que se aproximam, às vezes, mas que nunca serão a mesma coisa.

### 3 UM PENSAR ENTRE A FILOSOFIA E A POESIA

Paulo Leminski, na obra *o Catatau*, afirma: “animais anormais engendra o equinócio, desleixo no eixo da terra, desvio das linhas de fato. Pouco mais que o nome o toupinambaoults lhes signou, suspensos apenas pelo nó do apelo” (LEMINSKI, 1989, p.12). A reflexão a partir de Paulo Leminski, no *Catatau*, sobre a chegada dos europeus na América Latina, em que expôs uma visão destorcida da realidade, feita de maneira proposital, tendo em vista que não houve esforço para legitimar a originalidade dos povos originários. A imagem nascida a partir de uma ficção literária, e não de uma história real, realça o imaginário europeu: “de longe, três pontos... Em foco, Tatu, esferas rolando de outras eras, escarafuncham mundos e fundos” (LEMINSKI, 1989, p.12). E a forma de percepção ao avistar inflama o sentimento daqueles que pretendiam dar a importância devida àqueles que aqui viviam, o poeta exclama: “Bestas, feras entre flores festas circular em jaula tripla (...) animais anormais engendram o equinócio, desleixo no eixo da terra, desvio das linhas de fato” (LEMINSKI, 1989, p.12).

Em análise, podemos entender que Paulo Leminski acende uma luz tortuosa sob o cartesianismo através do personagem *Renatus Cartesius*, ou simplesmente Cartésio, logo no início do texto “*Catatau*”, com a frase, “*ergo sum*, aliás, *Ego sum Renatus Cartesius* cá perdido, aqui presente, neste labirinto de enganos deleitáveis, — vejo o mar, vejo a baía e vejo as naus”. (LEMINSKI, 1989, p.13) O personagem Cartésio encontra-se diante de um mundo inusitado, o qual não consegue compreender, em razão disso, o personagem é posto em uma condição de espera, de busca e compreensão do desconhecido. Cartésio encontra-se diante de uma multiplicidade de coisas, as quais não podem ser entendidas apenas a

Revista Paranaense de Filosofia, v. 1, n. 2, p. 1 - 32, Jul./Dez., 2021.

ISSN: 2763-9657

Universidade Estadual do Paraná



partir daquilo que já se tem ou apenas por meio da observação. A narrativa é uma crítica direta aos europeus que na maior parte das vezes faz um enquadramento do “Mundo dos Trópicos” sobre o mesmo prisma da cultura europeia. O surgimento de um pensar latino-americano paralelo ao pensar europeu advém de uma possibilidade de reposicionar a racionalidade a partir de outro contexto geográfico e histórico, mesmo tendo a consciência de que o pensar europeu se transmutou na América Latina. No entanto temos que considerar as particularidades que compõe a América Latina de onde virá a formulação de novos paradigmas para a Filosofia. E, talvez, o ponto de partida seja contestar o pensar como produto da racionalidade cartesiana excludente, com isso se propõe uma lógica baseada na correlação do indivíduo e o seu meio.

Esse processo de translocação do pensar se inicia com a vinda dos europeus para as terras que eram descolonizadas, e então, os europeus ao chegarem à América, ao nado do silêncio da existência natural aparece as velas, aquelas que trouxeram as caravelas da costa lusitana, expedição patrocinada pelos reis católicos da Espanha, Fernando de Aragão e Isabel de Castela. Diante disso, é relevante pensar o impacto/desastre dessa chegada dos europeus na América. Situado o contexto, em forma de diálogo, a problematização ocorreu a partir de questões que tinham implicação direta na vida das pessoas que aqui viviam, e que vivem até hoje, tais como: quais as reais intenções dos europeus, na época, em investir num projeto dessa magnitude marítima? Eram pessoas de boa fé e caridosas? Era apenas uma aventura ou uma estratégia mal intencionada? Eram piratas aventureiros? Qual era o real projeto dos europeus sobre outros povos? Diante de tal feita, de tamanha ousadia do projeto, parece que não cabe ingenuidade em sua compreensão. Mas devemos pensar de forma consciente que esse processo de invasão não foi apenas um momento estanque. Formou-se na América Latina uma comunidade de colonos, com uma mentalidade submissa e uma classe colonizadora com princípios opressores. Nesse processo, que continua até hoje, precisamos pensar, qual nossa postura diante dessa dominação? Em geral, somos a pior classe, somos os oprimidos, com a mentalidade do opressor.

Mesmo a cena criada pelos europeus, do falso “descobrimento”, ter se tornado a notícia de primeira página de jornais na época, continua-se a utilizar até hoje em título de livros e conteúdo escolar, no entanto, essa encenação representa a contaminação das



moléstias físicas e mentais que os exploradores traziam encorpadas em suas vidas, que contagiaram e continua contaminando a vida de todos. Esse processo expansionista do século XV é fruto da decadência do sistema feudal e o início triunfal do capitalismo. Ou seja, é o momento de crescimento da economia de mercado, com a classe burguesa em sua busca pelo apogeu, lucros exorbitantes, urbanização e o impulso dominador próprio do colonialismo. No entanto mesmo a contra-gosto, é necessário compreender que para os europeus a ideia de “descobrimento” é de certa forma válida, na medida em que estas eram terras realmente desconhecidas por eles. Entretanto, o grande problema do discurso histórico eurocentrado é de que se estabelece a ideia de descobrimento como um fato universal, sendo essa narrativa do “descobrimento” uma abordagem adotada pela própria historiografia latino-americana.

Além do mais, a igreja católica também estava vivendo o desgaste do período final do medievo, vivendo, nesse momento, a gestação das reformas dentro da própria igreja. Desse modo, a igreja aproveitou a situação das navegações para embutir no processo de “conquista” a sua missão evangelizadora. Em nome de Deus ficava mais fácil a justificação das atrocidades, como assim o fez: “na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também” (João 14, 2-3). O texto sagrado foi a desculpa para tirar a culpa daqueles que posteriormente não encontraram razão para as suas atrocidades. Foi um processo de destruição para recriar o “reino de Deus”, em nome de um projeto “civilizatório” destruiu-se a própria criação.

De maneira poética e ficcional, que lidamos com o conceito de descobrimento como forma de perceber a violência do processo de “descobrimento” impostos aos povos nativos, que serão chamados de latino-americanos. E aos poucos na narrativa do chamado “descobrimento”, precisamos lidar com sarcasmos daqueles que sempre foram nossos algozes. Através de um texto em verso demonstro o cenário teatral montado pelos europeus para se chegar a América no ano de 1492, com o consentimento da Igreja Católica, tendo no explorador genovês Cristóvão Colombo àquele que partiu rumo às



“Índias”. E, como um canto de dor e lamento, expomos em versos as lástimas e sofrimentos causados por aqueles que diziam ser “civilizados”:

Aquele que veio do não sei onde,  
Sabiam o que queriam explorar.  
Tinha um plano ambicioso  
De astúcia e dominação.

De aparência duvidosa,  
Mal intencionado para dominar.  
Os navegantes naufragaram  
Na costa da Ameríndia.

Os nativos do continente  
Foram pego de surpresa  
Sem mente desmente a mente  
Para tornar demente os que sente.

Desembarcam a má fé  
Ofendem a fenda da crença  
A força da bala fede a falta de fé  
Em nome de Deus, sem deuses.  
Nunca visto por si mesmo,  
Atravessou na frente ao espelho  
Feitiço sobre si mesmo.  
Infetizados pelo o olhar de si mesmo.

Encantou a si mesmo,  
Negou-se a si mesmo  
Esqueceu de si,  
Em nome da ilusão do nada.

Que matou a primeira vista o existente,  
Em nome da não-descoberta.  
Levou-se à prova do falso “novo mundo”,  
Em troca de espelhos levou a prova  
De valor daquilo que não lhes pertencia.

Feridos pelo olhar alheio,  
Desoriginaram os povos originários.  
Enxergou-se em um olhar (re)convexo,  
Civilização confundida com selvagem

Quem era selvagem?

Missionário ambicioso  
Que reza para fazer maldade.  
De espada cruzava o corpo  
E com a cruz cravou-se a alma.  
Com instinto selvagem  
Atravessou a alma ingênua  
Esculachou a terra virgem  
Desonrou a própria fé.

Cabiosos encajaularam a face  
Num espelho que refletia o olhar  
De um olhar aparente  
Distorceu a existência do horizonte.

Ao vento da ilusão de um velho mundo,  
Lançou-se ao infinito das águas.  
Em busca do falso descobrimento,  
Perdeu-se a si mesmo ao som da mata.  
Aos olhos foram dados ao sol,  
Que foi desnudado à nudez selvagem.  
De uma Ameríndia nativa pelada,  
Coberta de folhas tropicais.

Bárbaros lutam pela honra,  
Do incompreendido espírito da floresta.  
Da batalha não justa,  
Perdida pela pólvora.

“Guerreiros” que lutavam por sobrevivência,  
Violentam sua própria honra e glória.  
Indigno, o opositor se diz sagrado.  
Em confronto do massacre da deslealdade.  
Aos originários coube a rejeição,  
De um falso resgate civilizatório.  
Em nome de Deus,  
Cristãos apagavam as memórias dos pagão.  
Os tiranos tiraram a alma da floresta.

(Josemi, 2019)



Os versos acima pontuam que o processo de colonização na América latina teve como apoio sagrado o cristianismo, sendo parceiro eficaz para impor um dito processo civilizatório, utilizando como argumento que o território a ser “encontrado” era pagão e selvagem. Com isso transformou em vítimas os indígenas e negros, cuja consequência da ocupação foi um processo que produziu uma mentalidade colonialista e racista, a qual reverbera nas relações sociais em toda a história dos povos latino-americanos.

Desde o início do processo de exploração, essa questão tornou-se um tema recorrente para análise de diferentes seguimentos de estudos, com diferentes propósitos e, no nosso caso, resgatar essa discussão é uma tentativa de ressignificação dos conceitos filosóficos narrados sobre essa história trágica. Na obra de Enrique Dussel intitulada “1492: o encobrimento do outro”, encontramos um aporte filosófico que nos situa de maneira consciente na intervenção provocada pelos europeus. Para Enrique Dussel, “a Europa tornou as outras culturas, mundos, pessoas em objeto: lançado (-jacere) diante (ob-) de seus olhos. O 'coberto' foi 'des-coberto' como Outro. O outro constituído como o Si-mesmo. O ego moderno 'nasce' nesta autoconstituição perante as outras regiões dominadas. Esse 'Outro', que é o 'Si-mesmo'” (DUSSEL, 1993, p. 35). A América foi colonizada com uma proposta de evangelização justificada pela “boa intenção” em “pacificar” os povos indígenas através de uma evangelização catequética, com o propósito de batizá-los para a salvação em Cristo. No entanto, a perspectiva de conversão do colonizador era de violência e destruidora da cultura do “Outro”, que se diferenciava do seu modelo de “civildade” cristã prometido. No entanto, a “evangelização pacífica” resumiu-se em destruir tudo aquilo que era diferente. Como explica 30 Enrique Dussel, “a América não foi descoberta como algo que resiste distinta, como o Outro, mas como a matéria onde é projetado ‘o si-mesmo’. Então não é o ‘aparecimento do outro’, mas a projeção do si-mesmo: encobrimento” (DUSSEL, 1993, p.35).

A “conquista” foi uma espécie de imposição cultural que ocorreu através de atos militares, que submetia os indígenas a se enquadrarem ao modo europeu de vida. Esse processo reduziu a existência humana e todas as riquezas culturais dos povos nativos da América Latina apenas a percepção da razão e da ciência:



O Outro, em sua distinção, é negado como Outro e é sujeitado, subsumido, alienado a ser incorporado à Totalidade dominadora como coisa, como instrumento, como oprimido, como 'encomendado' como 'assalariado' (nas futuras fazendas), ou como africano escravo (nos engenhos de açúcar ou outros produtores tropicais). A subjetividade do 'conquistado', por seu lado, foi se constituindo, desdobramento lentamente na práxis. (DUSSEL, 1993, p. 43).

A negação do Outro é inerente ao processo de colonização, o qual se explicita na anulação da capacidade racional dos demais. Em razão disso se justifica a necessidade de oferecer “progresso”, “civilização”, “emancipação” e “desenvolvimento”. Não há ingenuidade aos colonizadores, a proposta dos europeus era a de enquadrar a população mundial nos seus padrões – todo o contrário seria o não civilizado. Nesse sentido duas categorias mencionadas anteriormente são transpostas da Europa à América Latina: o espaço e o tempo. Cabe ressaltar que para os europeus o modo de vida civilizado deveria ser compatível ao deles, caso contrário, seria uma barbárie.

A chegada das caravelas na costa atlântica funcionou como uma forma de feitiço aos povos originários, na medida que aproximaram da costa atlântica, quebrando as ondas do mar, aos poucos foram enfeitiçando os olhos daqueles que tinham educação e boa-fé com os estrangeiros. E, à medida que avançaram, perceberam que a deslumbrante mata atlântica tinha mais vida. Ao contrário dos europeus que saíram de seus portos com uma missão explícita, os nativos não tinham noção do que estava por vir. Aquela imagem do encontro entre os dois continentes, certamente, foi o início da construção desarmônica entre duas culturas com características distintas, que não conseguiram estabelecer conexões construtivas, pois não se respeitaram as particularidades, em especial o estilo de vida mais livre dos povos originários. O resultado foi um desarranjo no estilo de vida daqueles que viviam no continente desconhecido pelos europeus, que mesmo tendo seus conflitos e divergências viviam de maneira integrada aos diversos elementos que compõem o universo ameríndio e, 31 conseqüentemente, mais conectado com os elementos que humanizava a população que aqui viviam.

Apesar dos europeus terem sido recebidos pelos nativos sem as marcas da beligerância, não demorou muito para que a mentalidade interesseira dos europeus sobressaísse à boa relação. Como descrito por Bartolomeu de Las Casas, um relato da época, um bom exemplo que diz:



Por muitas outras forças, violências e vexações que lhes faziam, os índios começaram a entender que aqueles homens não deviam ter vindo do céu. E alguns escondiam suas comidas; outros, suas mulheres e filhos; outros fugiam para os montes para afastar-se de gente de tão duros e terríveis costumes. Os cristãos davam lhes bofetadas, socos, pancadas e até lançavam as mãos sobre os senhores dos povoados. E isso chegou a tanta temeridade e falta de vergonha que, ao maior rei, senhor de toda ilha, um capitão cristão violou-lhe a própria mulher pela força (CASAS, 2017, p.18).

A má-fé do explorador colocou os viventes do planeta numa condição de vulnerabilidade, pois a altivez dos nativos permitiu acolher os saqueadores estrangeiros como filhos do mundo, no entanto, a resposta foi o oposto, na medida que os humanos que aqui viviam começaram a ser tratados como selvagens. E o mais impressionante, como descrito na citação acima, que esse processo ocorreu com o consentimento de vários seguimentos da sociedade europeia, inclusive a igreja.

Diante das narrativas opressoras, cabe ao exercício poético (des)abrigar o significado da relação promíscua de um processo de colonização em território de outrem. Toda e qualquer narrativa terá a palavra furtada para demonstrar tamanha barbaridade executada pelos europeus na América Latina. Como busco entoar nos versos a baixo, numa tentativa de desencobrir a violência daqueles que não se intimidaram com vida humanos e a natureza:

Ao som das docas as(os)  
“caras-velhas”,  
partiram a um “novo mundo”.  
tremulou as velhas barcaças,  
no mar sem rumo ao mundo.

Porcos que se lamb-USAM em água limpa.  
Ruminam o passado para degolarem o futuro.  
Vomitam caviar e, digerem as próprias tripas.  
Vísceras que consomem os próprios ossos.  
(Josemi, 2019)

Diferente da posição de parte dos povos oprimidos que se renderam aos caprichos europeus, a outra parte precisou resistir e se ajustar à nova realidade de exploração. Tornou-se necessário que cada grupo conservasse as suas tradições e peculiaridades, já que nunca existiu uma unidade cultural no ser latino-americano, a não ser o compartilhar de um olhar sobre o território em que vivem. Para isso, precisaram persistir em viver sem



abandonar suas narrativas e tradições, isso aparece na história das reivindicações dos povos latino-americanos que encontramos na composição dos diversos grupos que se conectam, de alguma forma, aos ancestrais para garantir a sobrevivência das múltiplas identidades frente as imposições culturais. Podemos compartilhar de estruturas econômicas, religiosas e políticas no mesmo solo, mas na realidade o que ainda garante a nossa existência é a realidade que se impõe enquanto fato de não sermos europeus, então, o que seria ser latino-americano? Não é uma resposta simples, mas a consciência de que não somos europeus é um caminho possível para repensarmos as diversas variáveis que compõem o nosso ser latino-americano e a nossa forma de pensar.

A conexão entre a poesia de Paulo Leminski e o pensar filosófico de Enrique Dussell se fundem a partir da necessidade em se trazer para reflexão a racionalidade do pensar latino-americano. Com isso, se propõe romper com a tradição europeia como estratégia para se reafirmar enquanto povo portador de uma memória autêntica, capaz de se reafirmar com uma racionalidade plural, que conecta o pensar e fazer. Com narrativas afrontosas à lógica ocidental cartesiana, o poeta e o filósofo constroem um fraseado que rompe com o eurocentrismo e construir um pensar-poético latino-americano. É necessário confrontarmos cotidianamente a invenção da narrativa europeia sobre o processo do falso “descobrimento”, nesse texto temos duas percepções distintas para repensarmos o descabro provocado pelos estrangeiros, apesar de ambos investirem numa trama lógica-linguística para tentar superar a descabida invenção da falsa narrativa europeia, uma intervenção vem do poeta Paulo Leminski e a outra do filósofo Enrique Dussell.

Com a poesia de Paulo Leminski encontramos uma narrativa por trás de lentes poéticas que contorcem a realidade para tentar pontuar na prosa e no verso o absurdo histórico, como mencionado no início deste tópico, na obra o Catatau, o poeta faz um jogo criativo reutilizando as imagens dispostas pelos europeus sobre nosso mundo para revelar as reais intenções dos exploradores. Com uma alusão a costa tropical, em especial na cidade de Olinda, comum personagem chamado Renatus Cartesius, uma referência a René Descartes, provoca nos europeus um descompasso da racionalidade cartesiana, pois, mesmo que desejando que aqui fosse parte de si, pelas belezas e riquezas, não poderia ser em razão do deslocamento geográfico, com isso buscou-se perspectiva do absurdo para



narrar a desejosa posse sobre as Américas. Paulo Leminski desajusta as lentes do olhar, numa perspectiva poética-filosófica para desconstruir a racionalidade europeia sobre os povos que habitam a América Latina, e a partir disso despertar novos significados e incrementar a nossa imaginação com as mentiras contadas e as verdades não ditas. Paulo Leminski ajuda a entender a armadilha linguística formulada pelos colonizadores que incrementaram falsos heróis “conquistadores”, com isso, desestabiliza aqueles que viveram uma coisa e contaram outra. A narrativa do Catatau propõe uma reflexão entre a realidade e o desejo imaginário, onde o poeta enuncia um entremeio, entre realidade e ficção, de uma maneira “como se fosse”, em razão dos europeus não se intimidarem em dizer que “descobriram” a América. Assim, na obra se faz um deslocamento de sentido para desajustar a narrativa daqueles que queriam se apropriar de algo que não era deles.

Em outra perspectiva, Enrique Dussel faz uma defesa da legitimidade de entender a existência autêntica da geografia e cultura dos povos latino-americanos, a partir de três vieses: a defesa da consciência de uma herança latino-americana, de que possuímos um modo singular de viver e pensar, que se conecta ao nosso povo, a nossa terra e ao sagrado, a qual nos permite estabelecer relações singulares com outros povos e que religa ao ser humano latino-americano a necessidade de enfatizar o resgate da existência ética; o segundo viés refere-se a construção de uma antropologia que resgate a constituição de um ser humano com características ameríndias, através da observância das vivências cotidianas e concretas, as quais despertam o imaginário acadêmico que eleva o pensar a partir da realidade e, dos elementos que compõe o processo de exploração e dominação da nossa gente; e o último elemento, a construção de uma ética da alteridade, que se baseia no agir frente ao outro, em que o oprimido mereça ser acolhido como igual e ao mesmo tempo diferente, assim promovendo uma ética da libertação, a qual tem como base o princípio da alteridade, o qual me permito ser afetado e me comprometo em ajudar aqueles que são vítimas da exclusão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



A proposta de uma filosofia da libertação nos coloca ao caminho da libertação, pois, ultrapassa a necessidade da construção de um conhecimento sistemático amparado pelos saberes tradicionais, mas também, leva em conta as experiências diárias, atrelado por uma luta ética como estratégia de superação das diversas formas de opressões. Mas, como construir uma proposta de educação urbana libertária? Considerando que os elementos burgueses pressionam os sujeitos ao enquadramento à mão de obra servil. Nesse sentido, compreendemos que a concepção libertária é uma possibilidade do exercício político que permite aos cidadãos uma ruptura com as hierarquias sociais opressoras para garantir a igualdade e a liberdade. Uma proposta libertação trata-se de um agir em oposição à situação histórica, política e social.

Os diversos pensadores que discutem a filosofia latino-americanos partem de sua localização geográfica como estratégia para formular um pensar filosófico que contemple a diversidade cultural que compõe o continente, como estratégia para superar pensar colonizador, propondo assim uma filosofia de viés libertário, com isso, as filosofias latino-americanas têm participado/pensado sobre realidade dos povos da América Latina, com o intuito de proporcionar reflexões sobre a emancipação pensante desses povos, para que sejam portadores da sua própria libertação, capaz de questionar a realidade opressora e repensar na reconstrução de uma proposta política a partir de uma práxis pedagógica libertadora, os quais, deverão promover uma revolução através da transgressão, para que assim possam expressar-se enquanto sujeitos autônomos.

A poesia como uma estratégia para pensar a libertação aparece como “racionalidade poética” realocado o filosofar que nos coloca numa condição de deriva, onde precisamos reposicionar o pensar libertador. É compreensivo o processo de libertação a partir da poesia, em especial como afirma Paulo Leminski, entendendo que “poesia, para mim, tem que ser alegria e esperança. O puro júbilo do objeto, esplendor do aqui e o do agora. Ou a canção assobiada que ajuda a caminhar nas estradas, na viagem rumo à utopia” (LEMINSKI, 1978, p. 56). Nesse sentido, a vida em direção a uma utopia assume um agir subversivo, pois a transformação é um movimento perigoso, porque toda transformação incomoda. “Poesia, aliás, é território limítrofe entre o verbo e outras artes” (LEMINSKI, 1978, p. 56). Quando se aproxima a filosofia e a poesia, criamos um contexto



de entre-lugar, uma fronteira limite onde as ideias não são “bem definidas”, um estado de ser pensante, nesse sentido o pensamento passa a se orientar pela desconstrução. Sendo assim, uma práxis poética libertadora deverá permitir ao ser humano se autoconstruir, através da possibilidade em se humanizar enquanto ser livre. E além do mais, “afinal, que é poesia senão discurso desvio, mensagem-surpresa, que, essencialmente, contraria os trâmites legais da expressão, numa dada sociedade?” (LEMINSKI, 2013, p. 29). Paulo Leminski entende que a poesia aproxima as pessoas da vida, coloca os seres humanos perto das coisas, situa o caminhar na rua de onde se vive, realoca o pensar na província, onde as coisas acontecem, e a poesia torna-se mágica ao que nos tira do real e traz à realidade. A poesia é o exercício de educar o sujeito no tempo, de uma lembrança do passado até a transformação do futuro, com os poemas dissolvemos a violência da opressão, pois a liberdade acontece nas palavras. A proposta de utilizar a poesia é acreditar que a libertação passa pela construção de um imaginário subversivo.

A filosofia da libertação se apresenta como um caminho possível para a construção de uma prática-poética-libertadora que carrega como princípio um reconquistar por meio da representatividade, que possibilite a significação da voz daqueles que foram silenciados. É uma proposta analética que tem como fundamento escutar o Outro. O pensamento libertador é aquele que viabiliza na relação diversa entre os povos, que se conecta a partir da reafirmação enquanto indivíduos portadores da mesma herança, que se efetiva a partir de um exercício de inclusão expresso por meio de uma ética que garante a existência de si e do próximo. A filosofia latino-americana se efetiva na conquista através da empatia pela luta dos moradores de ruas, dos sem-terra, das mulheres, dos LGBTQIA+ e todos aqueles e aquelas que foram silenciados, sendo a consciência social o caminho para se promover um futuro mais justo.

## REFERÊNCIAS

- BORNHEIM, Gerd. *Conceito de descobrimento*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- CASAS, F. BARTOLOMEU DE LAS. *O massacre dos nativos: na conquista da América espanhola*. Le book, 2017.



- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo, brasiliense, 1969.
- CESAIRE, Aimé. *O discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- DESCARTES, René. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1973
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Lisboa: Ulisseia, 1961.
- DUSSEL, Enrique. *1492: o encobrimento do Outro – a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DUSSEL, Enrique. *Filosofia da libertação: na América Latina*. Piracicaba: Edições Loyola, 1977.
- DUSSEL, Enrique. *Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 36ª edição. Rio de Janeiro: Paz & terra, 1987.
- LEMINSKI, Paulo. *A cultura letrada está morrendo*. In: *Escrita: revista mensal de literatura*. Rio de Janeiro: Vertente, ano IV, nº 28, p.55-58, 1978. Acesso em link <http://www.arquivoabreviado.com/wp-content/uploads/2018/04/leminski.pdf>.
- LEMINSKI, Paulo. *A pau a pedra a fogo a pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2010.
- LEMINSKI, Paulo. *Catatau*. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1989.
- LEMINSKI, Paulo. *Catatau*. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- LEMINSKI, Paulo. *La vie en close*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- LEMINSKI, Paulo. *Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- WITTGENSTEIN, L. *Tratado lógico-filosófico*. São Paulo: Edusp, 1994.

---

*Recebido: 31/05/2021*

*Aprovado: 21/06/2021*